

ANAIIS



AGRO & INDÚSTRIA
INTEGRANDO E TRANSFORMANDO O **BRASIL**

2026



[B]³

4 TEMA “AGRO & INDÚSTRIA – INTEGRANDO E TRANSFORMANDO O BRASIL”

8 CERIMÔNIA DE ABERTURA

Ingo Plöger, Presidente da Associação Brasileira do Agronegócio – ABAG
Luiz Masagão, Vice-presidente de Produtos e Clientes da B3
Antonio Alvarenga, Presidente da Sociedade Nacional da Agricultura – SNA
Ana Repezza, Presidente da CropLife Brasil
Marcelo Regúnaga, Coordenador Geral do Grupo de Países Produtores do Sul
Silvia Massruhá, Presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa
Tania Zanella, Presidente Executiva da OCB e do Instituto Pensar Agropecuária – IPA
Tirso de Salles Meirelles, Presidente da Federação de Agricultura e Pecuária de São Paulo – FAESP/SENAR
Geraldo Melo Filho, Secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo
Arnaldo Jardim, Deputado Federal, Vice-presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária
Tereza Cristina, Senadora da República e Presidente do Cosag
André de Paula, Ministro da Agricultura e Pecuária
Geraldo Alckmin, Vice-presidente da República

16 MESA REDONDA O AGRO NA GEOPOLÍTICA

Participantes: **Alexandre Parola**, Embaixador do Brasil no Reino do Marrocos
Braz Baracuh, Diplomata e especialista em geopolítica. Representante Permanente do Brasil na OMC (2022-2023)
Moderador: **William Waack**, Jornalista

20 PAINEL 1 A INDÚSTRIA QUE REVOLUCIONA O AGRO

Debatedores: **Ana Repezza**, Presidente da CropLife Brasil
Gastón Díaz Perez, Presidente e CEO da Bosch América Latina
Gustavo Mariano, Vice-presidente da Inpasa
Moderador: **William Waack**, Jornalista

24 PAINEL 2 INVESTIMENTO E FINANCIAMENTO EM TEMPOS VOLÁTEIS

Debatedoras: **Fabiana Perobelli**, Superintendente de Relacionamento com Clientes da B3
Flavia Palacios, Diretora da ANBIMA
Julyana Yokota, Managing Director e Especialista Setorial da S&P Global Ratings
Monique Cardoso, Superintendente de Sustentabilidade da CNseg
Moderadora: **Thais Herédia**, Jornalista

30 MESA REDONDA NOVO GOVERNO: PRIORIDADES E COMPROMISSOS

Debatedores: **Alberto Pfeifer**, Senior Policy Fellow Insper Agro Global
Sérgio Vale, Economista Chefe da MB Associados
Caio Carvalho, Presidente do Conselho Estratégico da ABAG

Moderador: **William Waack**, Jornalista

38 FUTURE FLASH A NOVA INFRAESTRUTURA INVISÍVEL DO AGRO

Apresentação: **Mariana Vasconcelos**, Cofundadora e CEO da Agrosmart e Young Global Leader pelo World Economic Forum

FUTURE FLASH A VERTICALIZAÇÃO SUSTENTÁVEL COMO VALOR PARA O AGRO BRASILEIRO

Apresentação: **Flávia Garcia Cid**, Produtora rural, empresária, gestora da Fazenda Jaracatiá

FUTURE FLASH COMO TRANSFORMAR DESAFIOS AMBIENTAIS EM OPORTUNIDADES NO AGRO

Apresentação: **Victor Brian Magalhães**, CEO da TerraMares Ambiental

42 HOMENAGENS ABAG

PRÊMIO NORMAN BORLAUG – SUSTENTABILIDADE

Homenageada: **Iêda Mendes**, Pesquisadora da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa
Apresentação: **Sílvia Massruhá**, Presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa

PRÊMIO NEY BITTENCOURT DE ARAÚJO - PERSONALIDADE DO AGRONEGÓCIO

Homenageado: **Luiz Carlos Corrêa Carvalho (Caio Carvalho)**, Sócio-Diretor da Canaplan
Apresentação: **Roberto Rodrigues**, Professor Emérito da FGV

46 PALESTRA DE ENCERRAMENTO CAMINHOS PARA O FUTURO

Michel Temer, Presidente da República Federativa do Brasil (2016-2018)

ENCERRAMENTO

Ingo Plöger, Presidente da Associação Brasileira do Agronegócio – ABAG

AGRO & INDÚSTRIA

INTEGRANDO E TRANSFORMANDO O BRASIL



A edição histórica de 25 anos do Congresso Brasileiro do Agronegócio, realizada pela Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG), em parceria com a B3 – a bolsa do Brasil, no dia 10 de agosto, no Sheraton WTC Hotel, em São Paulo, evidenciou a importância da integração entre agro e indústria para ampliar a competitividade brasileira diante das transformações geopolíticas, econômicas, tecnológicas e ambientais, e discutiu as condições necessárias para que o país transforme seus recursos naturais, capacidade produtiva, ciência e tecnologia em geração de valor, inovação e desenvolvimento de longo prazo.

“Nosso pleito é um enunciado de que não queremos um país de privilégios, mas uma nação de oportunidades”, afirmou **Ingo Plöger**, presidente da ABAG. “O Brasil precisa traduzir seus diferentes potenciais em uma visão de futuro capaz de reunir interesses e perspectivas distintas, especialmente em um momento de importantes decisões políticas, mudanças na geopolítica e reorganização das relações comerciais internacionais”, acrescentou.

Com o tema **“Agro & Indústria – integrando e transformando o Brasil”**, o evento reuniu mais de 800 participantes no Sheraton WTC São Paulo Hotel e foi acompanhado por mais de 3 mil pessoas por meio da transmissão online. A programação contou com as mesas-redondas “O Agro na Geopolítica” e “Novo Governo: Prioridades e Compromissos”, além dos painéis “A Indústria que Revolucionaria o Agro” e “Investimento e Financiamento em Tempos Voláteis”. Houve ainda a estreia do Future Flash, dedicado à apresentação de soluções inovadoras e tendências capazes de transformar o futuro do agronegócio, e a palestra de encerramento “Caminhos para o Futuro”.

“A agroindústria trabalha com a natureza o dia todo. Se nós não nos harmonizarmos com a natureza, quem o fará?”, questionou Plöger, relacionando a necessidade de convergência dentro da sociedade à própria característica da atividade agroindustrial. Segundo ele, essa integração também precisa considerar experiências já existentes no país, em que o progresso e o empreendedorismo vêm criando novas oportunidades de desenvolvimento. Em sua avaliação, há diferentes regiões que podem ser consideradas “Pumas Tropicais”, por demonstrarem que a capacidade produtiva e a iniciativa privada já avançaram para além de uma lógica baseada no assistencialismo.



De acordo com Plöger, o próximo governo terá uma tarefa complexa de reconstrução institucional e de harmonização entre os diferentes poderes e segmentos da sociedade. “O que estamos vendo é que a eleição ocorrerá de forma civilizada e será concluída de modo positivo, mas a reconstrução da sociedade só se dará com uma visão de longo prazo que todos os brasileiros possam compartilhar”, afirmou. Para ele, o resultado eleitoral não deve representar apenas a vitória de um grupo, mas a responsabilidade de conduzir o país com capacidade de diálogo e de construção de convergências.

O 25º Congresso Brasileiro do Agronegócio foi marcado pela entrega do documento “Agenda Estratégica da Agroindústria Brasileira” aos candidatos à Presidência da República, com o objetivo de estimular uma política de Estado para o setor nacional. O documento organiza uma visão integrada sobre as capacidades que o Brasil precisa fortalecer para ampliar a competitividade da agroindústria nas próximas décadas.

Estruturado em uma arquitetura composta por três dimensões estratégicas, sete pilares e 23 tópicos estruturantes, o documento constitui uma estratégia de longo prazo para o ambiente de negócios, ampliando as potencialidades produtivas nacionais e consolidando o protagonismo do Brasil na produção sustentável de alimentos, fibras, bioenergia, biomateriais e outras soluções de base biológica. Clique aqui para acessar o documento: <https://abag.com.br/biblioteca/agenda-estrategica-da-agroindustria-brasileira>

Ingo Plöger

“Nosso pleito é um enunciado de que não queremos um país de privilégios, mas uma nação de oportunidades.”

Para Plöger, os debates realizados ao longo do Congresso reforçaram que a construção desse futuro exige articulação entre diferentes setores, instituições e visões de país. “Nossa missão é trabalharmos pela paz e pela harmonização no Brasil e por uma visão de longo





agrocères

VOCÊ VÊ, VOCÊ CONFIA!

A parceria entre a Agrocères e a ABAG é histórica. Nosso apoio vem desde a sua fundação, há mais de 30 anos. E como sempre, é uma honra ser Patrocinador Master da 25ª edição do CBA - evento da maior relevância para todas as cadeias produtivas do agronegócio nacional. Juntos e fortes, seguiremos trabalhando para fazer do agro nacional uma potência cada vez maior e mais importante para a segurança alimentar do planeta.

EMPRESAS DO GRUPO AGROCERES



nutrição animal



genética de suínos



sementes de milho e sorgo



nutrição vegetal e biológicos



palmitos cultivados



proteção de cultivos

CERIMÔNIA DE ABERTURA



A celebração dos 25 anos do Congresso Brasileiro do Agronegócio simboliza um marco na trajetória de um dos principais fóruns de discussão do setor, que acompanha os acontecimentos, antecipa tendências e compreende os grandes movimentos globais, contribuindo para a construção de uma visão estratégica de longo prazo para o Brasil. Nesta edição, o evento ressaltou a importância de uma agroindústria cada vez mais integrada, inovadora e capaz de gerar valor. Ingo Plöger, presidente da ABAG, destacou que o Brasil reúne condições excepcionais para ampliar sua participação na produção de alimentos, energia e soluções de base biológica, mas precisa transformar esse potencial em uma estratégia de desenvolvimento de longo prazo.

“Estamos diante de uma oportunidade única de transformar o Brasil em uma potência agroindustrial, não apenas pela nossa capacidade de produzir, mas pela possibilidade de integrar agricultura, indústria, ciência, tecnologia e sustentabilidade”, afirmou Plöger. Em sua avaliação, essa integração é fundamental para que o país avance na agregação de valor e fortaleça sua posição diante das mudanças na economia e na geopolítica mundial.

O presidente da ABAG também chamou atenção para a necessidade de criar um ambiente capaz de estimular investimentos, inovação e empreendedorismo, com maior segurança jurídica, infraestrutura adequada e condições de financiamento. Nesse contexto, defendeu uma visão que considere as diferentes dimensões do desenvolvimento e permita ao Brasil aproveitar suas vantagens competitivas de forma coordenada.

Plöger também ressaltou que o momento exige uma atuação articulada entre os diferentes setores e uma visão que ultrapasse os ciclos de governo. Para ele, o Brasil precisa reconhecer seus potenciais e definir como pretende utilizá-los diante das transformações da economia mundial, das mudanças geopolíticas e dos desafios ambientais. “Precisamos trabalhar essas possibilidades e visões por meio de uma avaliação da geopolítica, porque o Brasil ainda não se posiciona de maneira clara sobre seus potenciais e sobre como eles poderão ser utilizados para construir um caminho futuro”, afirmou.

Ao abrir oficialmente o Congresso, Plöger reforçou que o desafio não está apenas em reconhecer as potencialidades brasileiras, mas em construir as condições para que elas se convertam em desenvolvimento. A proposta, segundo ele, passa por uma agenda capaz de



Ingo Plöger, Presidente da Associação Brasileira do Agronegócio – ABAG

Ingo Plöger

“Precisamos trabalhar essas possibilidades e visões por meio de uma avaliação da geopolítica, porque o Brasil ainda não se posiciona de maneira clara sobre seus potenciais e sobre como eles poderão ser utilizados para construir um caminho futuro.”



Luiz Masagão, Vice-presidente de
Produtos e Clientes da B3

Luiz Masagão

“O financiamento é o caminho do crescimento sustentável. O setor não pode depender apenas do financiamento público e direcionado.”

integrar os diferentes setores e preparar o país para um cenário de transformações profundas, no qual “o futuro não é algo que se espera, mas algo que se constrói”.

“O mercado de capitais pode ampliar as alternativas de financiamento do agronegócio e fortalecer a conexão entre produtores, empresas e investidores”, disse **Luiz Masagão**, vice-presidente de Produtos e Clientes da B3, que destacou que até junho, as emissões de CPR somavam R\$ 470 bilhões, enquanto as LCA alcançavam R\$ 560 bilhões, os CRA, R\$ 170 bilhões, e os CDCA ultrapassavam R\$ 30 bilhões.

Segundo Masagão, o Congresso Brasileiro do Agronegócio é um fórum importante por representar um setor que é a chave do crescimento do país, ao responder por cerca de 25% do PIB brasileiro e movimentar aproximadamente R\$ 3 trilhões, o que exige a participação articulada de diferentes segmentos da economia. Nesse contexto, a B3 busca aproximar o setor produtivo do mercado de capitais, que, mesmo diante de um ambiente econômico desafiador, mantém espaço para novas emissões e instrumentos voltados ao financiamento do agro. “O financiamento é o caminho do crescimento sustentável. O setor não pode depender apenas do financiamento público e direcionado. O mercado de capitais tem potencial para complementar e ser a primeira fonte de financiamento para o setor”, afirmou.

Durante a solenidade de abertura, **Geraldo Melo Filho** destacou o Congresso da ABAG como referência para a construção de políticas para o agronegócio e ressaltou a importância de São Paulo, responsável por cerca de 24% do agro brasileiro e por uma ampla cadeia de atividades ligadas à logística, infraestrutura, indústria e serviços.



Geraldo Melo Filho, Secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo

Entre os principais desafios do setor, citou o acesso ao crédito, o custo do dinheiro, a redução da cobertura do seguro rural, a escassez de mão de obra e questões de segurança jurídica, como a regularização fundiária. Segundo ele, o enfrentamento dessas questões exige atuação conjunta entre governo e produtores. “Se o agro é forte, o Estado também será”, afirmou, ao mencionar ainda o apoio do governo paulista a segmentos que atravessam momentos de dificuldade, como citricultura, etanol e amendoim.

Ao abordar os desafios recentes, o deputado federal **Arnaldo Jardim**, vice-presidente da

Arnaldo Jardim

“O agro deve ser tratado como política de Estado, com estabilidade e previsibilidade para ampliar oportunidades e fortalecer a posição brasileira no mercado internacional.”



Arnaldo Jardim, Deputado Federal, Vice-presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária

Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) citou as negociações comerciais com os Estados Unidos, os impactos da COP30 e a necessidade de mostrar ao mundo os avanços do agro brasileiro em sustentabilidade. Também apontou como prioridades a busca por novas fontes de fertilizantes e energia, a ampliação dos biocombustíveis, o acesso ao mercado de capitais, a redução dos juros, a aprovação do seguro rural e o desenvolvimento do mercado de carbono. “O agro deve ser tratado como política de Estado, com estabilidade e previsibilidade para ampliar oportunidades e fortalecer a posição brasileira no mercado internacional”, ponderou.

A senadora **Tereza Cristina** defendeu uma nova agenda para o agronegócio, baseada em políticas de Estado, segurança jurídica e visão de longo prazo. Segundo a senadora, é necessário definir onde o agro brasileiro pretende estar em 2050 e criar condições para preservar seu protagonismo na oferta mundial de alimentos, energia e produtos de base biológica. Entre os desafios, citou mão de obra, regularização fundiária, custos de produção,



Tereza Cristina, Senadora da República e Presidente do Cosag

Tereza Cristina

“Precisamos ultrapassar o modelo que exporta commodities e agregar cada vez mais inteligência, eficiência e tecnologia à nossa produção.”

dependência de fertilizantes importados, juros elevados e mudanças climáticas. Também apontou oportunidades para agregar valor às exportações por meio da biotecnologia, proteína animal, derivados de grãos, biocombustíveis e produtos florestais. “Precisamos ultrapassar o modelo que exporta commodities e agregar cada vez mais inteligência, eficiência e tecnologia à nossa produção”, afirmou. Para ela, sustentabilidade e inovação serão fundamentais para ampliar a presença brasileira nos mercados internacionais e responder às novas demandas do comércio global.

André de Paula
“Se o agro é forte, o
Estado também será.”

Segundo o ministro da Agricultura e Pecuária, **André de Paula**, discutir o futuro do agro significa também discutir o futuro do Brasil, criando condições para que produtores e empresas invistam em tecnologia, antecipem riscos e ampliem a produção com segurança. Nesse contexto, citou medidas voltadas ao enfrentamento do endividamento rural, à subvenção econômica, à agricultura familiar, aos biocom-



André de Paula, Ministro da Agricultura e Pecuária

bustíveis e ao fornecimento de fertilizantes. Também mencionou a articulação do governo para mitigar os efeitos climáticos e transformar informações em instrumentos de planejamento e tomada de decisão. Na área internacional, destacou a abertura de 674 novos mercados para produtos brasileiros e a meta de superar 700, resultado de esforços nas áreas sanitária, regulatória e comercial. “Quanto mais integrada estiver a cadeia, maior será nossa força para competir no mundo”, destacou.

Encerrando a solenidade de abertura do Congresso, o vice-presidente da República, **Geraldo Alckmin**, destacou a importância de uma agenda estratégica para a indústria e para o agronegócio brasileiro, com foco na competitividade, na redução de custos e na ampliação das exportações. Segundo ele, o Brasil reúne condições para superar os Estados Unidos e se tornar o maior exportador de alimentos do mundo. Entre os avanços, citou a reforma tributária, que substituirá cinco tributos por um IVA dual, com desoneração da cesta básica, dos investimentos e das exportações. A medida, segundo Alckmin, poderá elevar o PIB em 12%, os investimentos em 14% e as exportações em 17% ao longo de 15 anos. “A reforma tributária é uma reforma pró-crescimento, pró-investimento, pró-exportação e pró-emprego”, pontuou.

O vice-presidente também mencionou medidas para ampliar a oferta de fertilizantes, com a retomada de fábricas de nitrogenados e avanços na exploração de cloreto de potássio, além da expansão dos biocombustíveis, do etanol, do SAF e do uso de etanol e metanol no transporte marítimo. Para ele, a transição energética representa uma oportunidade para o Brasil gerar emprego, renda e ganhos ambientais. Na área de ciência e defesa agropecuária, citou a contratação de 315 novos pesquisadores para a Embrapa e a revitalização das estruturas de defesa sanitária.



Geraldo Alckmin

“A reforma tributária é uma reforma pró-crescimento, pró-investimento, pró-exportação e pró-emprego.”

Participaram também da cerimônia de abertura:

Antonio Mello Alvarenga Neto, presidente da Sociedade Nacional da Agricultura (SNA);

Ana Repezza, presidente da CropLife Brasil;

Marcelo Regúnaga, Coordenador Geral do Grupo de Países Produtores do Sul,

Tirso de Salles Meirelles, presidente da FAESP/SENAR;

Silvia Massruhá, presidente da Embrapa, e

Tania Zanella, presidente da OCB e do Instituto Pensar Agro (IPA).





ONDE TEM A POTÊNCIA DO AGRO, TEM B3

Da produção à comercialização, o agronegócio movimenta uma cadeia que potencializa o Brasil. E onde tem potência brasileira, tem B3.

Conectamos o setor produtivo a investidores, ampliando o acesso a alternativas de financiamento e oferecendo instrumentos para a gestão de riscos, com a segurança, a transparência e a eficiência que o mercado precisa.

Assim, contribuimos para que o capital chegue a quem produz, transforma e faz o agronegócio prosperar. Porque fortalecer essa conexão é também contribuir para um setor cada vez mais forte, preparado e sustentável.



Acesse o QR code e conheça nossas
iniciativas voltadas para o agronegócio



MUITO MAIS
QUE A BOLSA
DO BRASIL

O Agro na Geopolítica



A ordem internacional passa por uma transformação estrutural, marcada pela bipolaridade entre Estados Unidos e China, pela formação de novos arranjos entre países e pela mudança na dinâmica da globalização. A integração econômica que caracterizou as últimas décadas dá lugar a uma globalização geoeconômica, na qual a segurança econômica passa a ter papel central. Esse novo cenário impõe ao Brasil a necessidade de rever suas estratégias e seu posicionamento diante das mudanças no equilíbrio de poder.

A mesa-redonda “O Agro na Geopolítica” analisou os impactos desse novo ambiente internacional sobre o Brasil e, particularmente, sobre o agronegócio. A segurança alimentar, energética e mineral, a relação com Estados Unidos e China, a diversificação de mercados e o desenvolvimento de estratégias de médio e longo prazo estiveram entre os principais pontos abordados.

Braz Baracuhy, diplomata e especialista em geopolítica, destacou três grandes transformações em curso: a passagem de uma ordem internacional liberal e universalizada para uma estrutura marcada pela competição entre Estados Unidos e China; a substituição da globalização baseada na integração por uma globalização geoeconômica, na qual rivalidade geopolítica e segurança econômica ganham centralidade; e a formação de novos arranjos e coalizões entre países.

Segundo Baracuhy, Estados Unidos e China concentram parcela significativa do poder global, mas apresentam estratégias distintas. Enquanto os Estados Unidos buscam preservar sua posição no Hemisfério Ocidental e manter equilíbrios regionais favoráveis aos



Braz Baracuhy Diplomata e especialista em geopolítica. Representante Permanente do Brasil na OMC (2022-2023)

Braz Baracuhy
“Não é apenas um problema do Brasil. Todos os países vivem o mesmo dilema: como se posicionar nesse novo jogo internacional.”

seus interesses na Europa, no Leste Asiático e no Oriente Médio, a China trabalha com uma visão de Eurásia consolidada, ampliando as rotas comerciais e fortalecendo parcerias com países como Rússia, Irã e Coreia do Norte. Nesse cenário, a política de contenção norte-americana, especialmente no Leste Asiático, constitui um dos pontos de tensão.

“Não é apenas um problema do Brasil. Todos os países vivem o mesmo dilema: como se posicionar nesse novo jogo internacional”, afirmou Baracuhy. Nesse cenário, o Brasil

precisa definir sua relação com as duas grandes potências e identificar interesses comuns. Para o diplomata, essa definição não deve se restringir ao Estado: o setor privado também tem papel relevante na construção das estratégias do país, especialmente diante da importância do Brasil para as seguranças alimentar, energética e mineral. As decisões de Estado, nesse sentido, precisam considerar a participação e os interesses dos agentes privados.

Para **Alexandre Parola**, embaixador do Brasil no Reino do Marrocos, a transformação da ordem internacional não representa uma crise passageira, mas uma mudança estrutural. A perda de efetividade de mecanismos multilaterais construídos no pós-guerra e a retomada da competição entre grandes potências recolocam a geopolítica no centro das decisões internacionais. Ao mesmo tempo, segundo o embaixador, ainda não está definido como se dará o equilíbrio de poder entre Estados Unidos e China, considerando a força da economia norte-americana e a continuidade do crescimento chinês, além da atuação de outros atores, como Índia e Rússia.

Nesse contexto, Parola ressaltou que o Brasil deixou de ocupar uma posição de menor relevância estratégica no Hemisfério Ocidental e passou a ser visto como um importante ator para a segurança estratégica dos Estados Unidos. Para a China, o país tem relevância especialmente como fornecedor de alimentos. Como resultado, o Brasil amplia sua importância no novo cenário internacional, o que exige do país uma postura mais estratégica.

Parola ainda refletiu que nenhum dos dois países está em busca de uma hegemonia global,

diante das zonas de interdependência existentes entre as duas economias. Com isso, permanece a possibilidade de que Estados Unidos e China busquem formas de convivência e entendimento.

“O Brasil não pode deixar de planejar o futuro. Precisamos voltar a desenvolver estratégias de médio e longo prazo”, afirmou. Para o diplomata, a diversificação de produtos e mercados pelo agronegócio brasileiro deixou de ser apenas uma possibilidade e passou a constituir uma necessidade diante de um ambiente internacional mais sujeito a mudanças e restrições comerciais.



Alexandre Parola,
embaixador do Brasil no Reino do Marrocos

Alexandre Parola

“O Brasil não pode deixar de planejar o futuro. Precisamos voltar a desenvolver estratégias de médio e longo prazo.”



William Waack, jornalista

A discussão, mediada pelo jornalista **William Waack**, também destacou a necessidade de ampliar o valor agregado da produção brasileira e reduzir vulnerabilidades decorrentes da concentração de mercados. Nesse sentido, água, energia e minerais foram apontados como ativos estratégicos do país.

“Num mundo que privilegia o poder, uma massa continental como o Brasil que tem esses três ativos essenciais para a ordem precisa ter estratégia para jogar”, ressaltou Parola, ao relacionar os recursos brasileiros às novas condições de poder e segurança internacional.



Agro é Bosch.
Tecnologia que cultiva
presente e futuro.

Tecnologia para a vida

A INDÚSTRIA QUE REVOLUCIONA O AGRO



A agroindústria tem papel estratégico tanto na evolução da capacidade de produzir alimentos, fibras e energia quanto no aumento da capacidade de geração de valor dentro do país. Nesse processo, o desenvolvimento de soluções adaptadas às condições da agricultura tropical, a disponibilidade de insumos estratégicos, os investimentos em pesquisa e inovação e a criação de um ambiente regulatório adequado, que acompanhe a evolução tecnológica e contribua para a segurança alimentar, energética e ambiental, ganham ainda mais relevância.

O painel “A Indústria que Revoluciona o Agro” também discutiu a necessidade de ampliar a capacidade produtiva nacional e acelerar a incorporação de novas tecnologias. Para **Ana Repezza**, presidente da CropLife Brasil, o setor de insumos agrícolas já apresenta elevada intensidade tecnológica. As 52 empresas associadas à entidade atuam em quatro áreas — bioinsumos, sementes e mudas, defensivos químicos e biotecnologia — e registraram faturamento de R\$ 114 bilhões em 2024, com investimentos direcionados à pesquisa e à inovação para o desenvolvimento da agricultura tropical.



Ana Repezza, presidente da CropLife Brasil

Ana Repezza
“Quanto melhor for a regulamentação, melhores moléculas chegam ao produtor, mais eficazes e seguras.”

A especificidade dessa agricultura também foi ressaltada por **Gastón Díaz Perez**, presidente e CEO da Bosch América Latina, ao defender que o desenvolvimento tecnológico precisa considerar as condições locais. Para Ana, clima e pressão de pragas fazem com que o Brasil necessite de soluções próprias para o manejo agrícola, enquanto Perez avalia que essa complexidade pode se transformar em vantagem para a América Latina, que desenvolve capacidade para operar em ambientes diversos e pode criar tecnologias aplicáveis a outros mercados.

Esse potencial, entretanto, depende da capacidade de desenvolvimento dentro do próprio país. “Não podemos ser apenas o produtor do grão e importar a tecnologia que torna isso possível. Precisamos desenvolver tecnologia e criar conhecimento aqui”, afirmou Perez. A visão converge com a avaliação de Ana sobre a importância de investimentos em pesquisa e inovação e com a necessidade de modernizar os marcos regulatórios para acompanhar as tecnologias de fronteira.



Gastón Diaz Perez, presidente e CEO da Bosch América Latina

Bioinsumos, defensivos químicos, sementes, cultivares e propriedade intelectual dependem de regras que ofereçam segurança para os investimentos e, ao mesmo tempo, permitam que as novas soluções cheguem ao produtor. “Quanto melhor for a regulamentação, melhores moléculas chegam ao produtor, mais eficazes e seguras”, destacou Ana. Para ela, a modernização regulatória é especialmente importante em uma agricultura que precisa de tecnologias específicas e cuja produção cresceu significativamente sem a correspondente expansão da área cultivada.

A tecnologia também está modificando a forma de utilizar esses insumos. A adoção de tecno-

Gastón Diaz Perez

“Não podemos ser apenas o produtor do grão e importar a tecnologia que torna isso possível. Precisamos desenvolver tecnologia e criar conhecimento aqui.”

logias digitais já alcança 79% dos produtores, segundo Ana, e a inteligência artificial pode contribuir para determinar o momento mais adequado para uma aplicação, considerando dados de clima e outras variáveis. Perez acrescentou que o desafio passa pela capacidade de transformar esses modelos em soluções concretas, como sistemas capazes de identificar uma planta daninha em meio à soja e atuar sobre ela com precisão. A formação de profissionais aparece como parte desse processo para a Bosch, que vem investindo na capacitação de jovens.

Gustavo Mariano, vice-presidente de Trading da Inpasa, destacou, no painel mediado pelo jornalista William Waack, a vocação brasileira para a produção de biocombustíveis a partir de matérias-primas como milho e sorgo, ampliando as possibilidades de aproveitamento da produção agrícola e de geração de valor no país. Essa transformação também cria demanda por automação, inovação e novas tecnologias na indústria.

A evolução da produção de milho de segunda safra ilustra esse processo. De aproximadamente 4 milhões de toneladas em 2004, o volume chegou a cerca de 112,5 milhões de toneladas.

Para Mariano, essa expansão não deve ser analisada apenas sob a perspectiva da produção de alimentos, mas pela capacidade de integrar diferentes usos da matéria-prima. Nesse sentido, o conceito de food, feed and fuel — alimento, ração e combustível — representa uma oportunidade de ampliar a oferta e o aproveitamento do que é produzido no campo. “Quando você transforma o grão, não precisa depender da volatilidade dos mercados externos. Você passa a ter mais estabilidade, previsibilidade, confiança e disponibilidade de insumo”, afirmou.

A relação entre alimentos e biocombustíveis, segundo Mariano, não deve ser compreendida como uma disputa por matéria-prima ou área.



Gustavo Mariano, vice-presidente de Trading da Inpasa

“Não é o alimento versus combustíveis, mas o alimento somado aos combustíveis”, pontuou.

Para Mariano, a agroindústria é fundamental para que o Brasil avance simultaneamente nas agendas de segurança alimentar e energética. O uso de etanol e biodiesel em máquinas agrícolas, assim como a possibilidade de utilização de biocombustíveis na navegação marítima, amplia os mercados para a produção brasileira e contribui para a descarbonização. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento de bioinsumos e o melhor aproveitamento de componentes presentes nos processos agrícolas e industriais podem contribuir para reduzir emissões.

A necessidade de ampliar a produção nacional de insumos ganhou ainda mais relevância diante das mudanças geopolíticas. Ana apontou os bioinsumos como uma complementação importante diante da menor disponibilidade de fertilizantes e também destacou a agenda de minerais críticos e terras raras como uma nova fronteira de desenvolvimento. O Brasil, segundo ela, tem apenas parte de seu território mapeado para esses recursos e poderia buscar nesse segmento um protagonismo semelhante ao conquistado no agronegócio.

Gustavo Mariano

“Não é o alimento versus combustíveis, mas o alimento somado aos combustíveis.”

Investimento e Financiamento em tempos voláteis



O agro precisa fortalecer sua arquitetura financeira, combinando crédito, seguro, mercado de capitais e informação para reduzir vulnerabilidades e melhorar as condições de acesso aos recursos.

Em um momento em que mudanças climáticas, oscilações de preços, juros elevados e transformações no ambiente geopolítico impactam a produção e a capacidade de investimento, o acesso a diferentes fontes de recursos torna-se importante para dar maior previsibilidade à atividade e sustentar seus ciclos de produção.

Neste aspecto, seguro rural, mercado de capitais, governança, transparência e qualidade dos dados são instrumentos que podem se complementar para melhorar a avaliação dos negócios, aproximar produtores e investidores e criar condições mais adequadas para o financiamento do setor.

Fabiana Perobelli, superintendente de Relacionamento com Clientes da B3, abordou no painel “Investimento e Financiamento em Tempos Voláteis” como os Fundos de Investimento nas Cadeias Produtivas Agroindustriais (Fiagros) estimularam uma maior conexão entre o campo e o mercado de capitais. “Em apenas quatro anos, chegou a 600 mil investidores, por ser um instrumento acessível, democrático e simples, permitindo a participação do investidor no setor”, explicou.

O avanço do registro das Cédulas de Produto Rural (CPRs) foi outra ação importante, ao ampliar a disponibilidade de dados sobre as operações e contribuir para compreender o grau de endividamento e melhorar a governança do sistema financeiro e do próprio agro.

Fabiana Perobelli

“Em apenas quatro anos, o Fiagro chegou a 600 mil investidores, por ser um instrumento acessível, democrático e simples, permitindo a participação do investidor no setor”



Fabiana Perobelli, superintendente de Relacionamento com Clientes da B3

“O sistema financeiro e o mercado de capitais não irão substituir o plano safra, mas andar ao lado dele, atendendo diferentes perfis de produtores e investidores”, acrescentou Fabiana.

O arcabouço construído nas últimas duas décadas tornou o mercado mais preparado para atender às especificidades do agro-negócio, segundo **Flavia Palacios**, diretora da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais - ANBIMA, que ressaltou a importância de avançar na educação sobre esses instrumentos.

“O produtor deve conhecer as alternativas disponíveis para financiar sua atividade, enquanto gestores e investidores precisam compreender as particularidades dos ciclos



Flavia Palacios, diretora da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais - ANBIMA

biológicos e produtivos do agro para avaliar adequadamente seus riscos e oportunidades. Essa aproximação pode favorecer operações mais transparentes e uma melhor precificação dos ativos”, avaliou Flavia.

Fabiana acrescentou que os mecanismos do mercado de capitais precisam ser traduzidos para a linguagem do produtor, com informações sobre seu funcionamento e as situações em que podem ser utilizados. A B3, segundo ela, também atua na disseminação desse conhecimento, inclusive em relação à gestão de risco de preços.

No campo dos seguros, a proteção securitária do produtor permanece em um nível baixo diante da exposição da atividade

Flavia Palacios

“O produtor deve conhecer as alternativas disponíveis para financiar sua atividade, enquanto gestores e investidores precisam compreender as particularidades dos ciclos biológicos e produtivos do agro para avaliar adequadamente seus riscos e oportunidades”

aos eventos climáticos, de acordo com **Monique Cardoso**, superintendente de Sustentabilidade da Confederação Nacional das Seguradoras - CNseg. A ampliação dessa cobertura poderia contribuir não apenas para proteger o produtor após um evento de choque, mas também para preservar sua capacidade de continuar investindo e evitar que uma crise em uma propriedade se propague pela cadeia. “Quando acontece um evento de choque, o produtor precisa estar protegido para continuar investindo. Se ele para, a cadeia também para”, afirmou.

Essa proteção também pode contribuir para o funcionamento do mercado de crédito. “O seguro rural é uma ferramenta muito potente de gestão e mitigação de risco”, pontuou Monique, defendendo maior integração do instrumento às operações de crédito e aos recebíveis do agronegócio. Uma estrutura que combine seguro, boas práticas socioambientais e governança pode aumentar a confiança nos ativos e contribuir para reduzir o custo do financiamento.

É no campo que o Brasil decola



CORTEVA™
agriscience



Monique Cardoso, superintendente de Sustentabilidade da Confederação Nacional das Seguradoras - CNseg

A adaptação às mudanças climáticas, na avaliação de Monique, não pode estar restrita ao calendário agrícola, mas precisa envolver toda a cadeia, desde o produtor até o crédito, com instrumentos que ofereçam maior previsibilidade. A disponibilidade de informações

Monique Cardoso
“O seguro rural é uma ferramenta muito potente de gestão e mitigação de risco.”

climáticas também pode contribuir para esse processo. “Temos uma base de dados climáticos muito boa. O desafio é transformar esses dados em tomada de decisão para os diferentes atores da cadeia”, analisou.

A percepção e a avaliação dos riscos também dependem da qualidade das informações disponíveis. **Julyana Yokota**, Managing Director e Especialista Setorial da S&P Global Ratings, ponderou que uma empresa do agronegócio não pode ser analisada apenas pelo preço da commodity ou pela receita. “Não é apenas o preço da commodity. É preciso entender o custo, a produtividade, a escala, os riscos climáticos e o que isso representa para a rentabilidade do negócio”, explicou.

A compreensão dos diferentes níveis de risco ganhou relevância diante de episódios recentes no mercado, como o caso da Raízen. Para Flavia, estruturas distintas não podem ser analisadas de maneira uniforme, pois uma operação pode ter apenas o risco de crédito da companhia, enquanto outra pode contar com garantias ou diferentes tipos de lastro. A clareza dessas informações é fundamental para que o investidor possa precificar corretamente o risco e evitar que eventos específicos produzam uma percepção generalizada sobre o setor.

A governança, nesse sentido, não deve ser vista apenas como um custo adicional. Julyana observou que empresas com maior transparência e estruturas de governança mais consolidadas tendem a ter acesso a um número maior de alternativas de financiamento e, conseqüentemente, podem reduzir o custo de captação. “Quando falamos em governança e transparência, melhorar o acesso pode diminuir o custo de financiamento, o que melhora a rentabilidade”, assegurou.



Julyana Yokota, Managing Director e Especialista Setorial da S&P Global Ratings

Julyana Yokota

“Quando falamos em governança e transparência, melhorar o acesso pode diminuir o custo de financiamento, o que melhora a rentabilidade.”

embora ainda seja necessário aprimorar a compreensão e a precificação dos atributos ambientais pelos investidores. A oferta de projetos e ativos sustentáveis já existe no Brasil, mas há espaço para aproximá-los de uma demanda internacional que reconhece esses diferenciais.

A evolução das tecnologias de tratamento de dados e da inteligência artificial também amplia a capacidade de análise. Na avaliação de Julyana, essas ferramentas tornam o processo mais rápido e acessível, permitindo identificar vulnerabilidades e incorporar novas informações ao planejamento financeiro.

As participantes também identificaram oportunidades na agenda de finanças sustentáveis. Flavia destacou o potencial dos instrumentos verdes, que podem contemplar diferentes estruturas de financiamento,



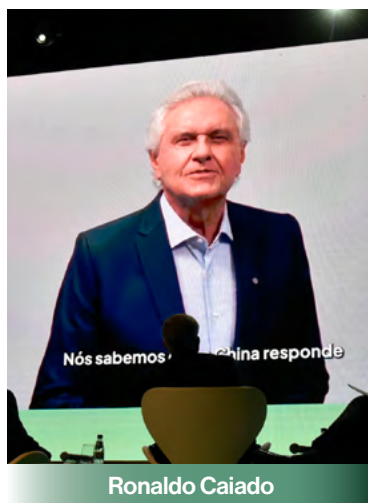
NOVO GOVERNO: PRIORIDADES E COMPROMISSOS



Três pré-candidatos à Presidência da República enviaram suas respostas às três questões relacionadas ao ambiente institucional e regulatório, ao fortalecimento da ciência, tecnologia, produção, logística, infraestrutura e financiamento nacionais e à inserção internacional da agroindústria brasileira. Entre os temas recorrentes estiveram a previsibilidade para investimentos, a segurança jurídica, a responsabilidade fiscal, a modernização regulatória, a infraestrutura, o financiamento, a pesquisa e inovação e a diversificação das relações comerciais.



Romeu Zema



Ronaldo Caiado



Flávio Bolsonaro

No primeiro eixo, voltado à criação de um ambiente favorável aos investimentos e ao empreendedorismo, **Romeu Zema** defendeu a redução da imprevisibilidade regulatória e a ampliação da participação do capital privado em projetos de infraestrutura, por meio de concessões, PPPs e project finance. Também associou a redução do custo do crédito à responsabilidade fiscal, com controle da dívida e das despesas públicas.

Ronaldo Caiado colocou a previsibilidade como condição para a atração de capital de longo prazo e apresentou propostas relacionadas à segurança fundiária, à estabilidade do Código Florestal, à simplificação do licenciamento ambiental e à coordenação das políticas públicas voltadas ao agronegócio. Entre as medidas mencionadas estão um prazo único para decisões administrativas relacionadas à segurança fundiária, a vedação de alterações retroativas no Código Florestal e a criação de um comitê interministerial permanente para a agenda do agro.

Na mesma direção, **Flávio Bolsonaro** associou o ambiente de negócios à responsabilidade

de fiscal e à redução da burocracia. Em sua manifestação, defendeu o equilíbrio das contas públicas como caminho para a redução dos juros e para a ampliação das condições de financiamento e investimento. Também mencionou a necessidade de maior previsibilidade para o seguro rural, de celeridade nos licenciamentos ambientais e de segurança jurídica para quem produz.

O fortalecimento da ciência, tecnologia, produção, logística, infraestrutura e financiamento nacionais foi relacionado, pelos candidatos, à redução de vulnerabilidades. Zema defendeu a modernização dos processos de aprovação de defensivos, bioinsumos e tecnologias de edição genética, além do aprimoramento da proteção à propriedade intelectual. Para ele, a análise desses produtos deve considerar critérios técnicos e científicos e reconhecer aprovações realizadas por agências reguladoras de referência internacional.

Caiado apresentou um conjunto de medidas voltadas à redução da dependência externa de fertilizantes, à ampliação da produção nacional e ao desenvolvimento de bioinsumos. Na infra-

estrutura, propôs um programa decenal de ferrovias, a ampliação do transporte hidroviário e um plano de armazenagem para enfrentar o déficit existente. No financiamento, mencionou a utilização de recursos públicos de forma direcionada a garantias, seguros e mecanismos de equalização, além do fortalecimento de instrumentos como CRA, Fiagro e debêntures verdes. Defendeu um orçamento plurianual para a Embrapa, vinculado ao desempenho do agro, além de um marco legal para edição genética e centros de inteligência artificial aplicada ao campo.

Flávio Bolsonaro mencionou investimentos em infraestrutura, tecnologia e capacitação de mão de obra, além do estímulo à produção e ao uso de etanol.

Na dimensão internacional, Zema mencionou uma política externa orientada à abertura de mercados, à atração de investimentos e à ampliação da transferência de tecnologia. Entre as propostas apresentadas estão a flexibilização do Mercosul para permitir ao Brasil negociar acordos individualmente, a conclusão do processo de entrada na OCDE e o enfrentamento de barreiras não tarifárias. Também associou a bioeconomia e os biocombustíveis a novas oportunidades de inserção internacional.

Caiado propôs a diversificação dos mercados de destino da produção brasileira, com maior presença no Sudeste Asiático, no Oriente Médio e em países africanos. A estratégia incluiria o fortalecimento da rede de adidos agrícolas e



uma atuação mais ativa na construção de normas e certificações internacionais. A sustentabilidade, nesse contexto, seria utilizada como elemento de diferenciação comercial, com rastreabilidade da produção e reconhecimento internacional de atributos ambientais.

A inserção internacional também foi relacionada por Flávio Bolsonaro a uma atuação mais pragmática nas relações exteriores e à busca de investimentos em infraestrutura, energia e segurança alimentar. Em sua manifestação, defendeu a ampliação das ferrovias, a armazenagem e o desenvolvimento tecnológico como elementos para aproveitar as oportunidades associadas à posição do Brasil no cenário internacional.

O debate na mesa-redonda “Novo Governo: Prioridades e Compromissos”, mediada pelo jornalista **William Waack**, ampliou as questões apresentadas pelos candidatos, trazendo para a discussão aspectos relacionados ao equilíbrio fiscal, à produtividade, à inserção internacional e à necessidade de uma estratégia nacional de longo prazo. A avaliação foi de que o próximo ciclo de governo encontrará um ambiente econômico e geopolítico mais complexo, no qual decisões domésticas estarão diretamente relacionadas à capacidade de o Brasil competir e ampliar sua presença nos mercados internacionais.

MICHEL TELÓ
Cliente Propaganda
e cantor

**BRADESCO
& AGRO**
ISSO QUE É
DUPLA RAIZ

**A parceria de sucesso
do produtor rural.**

Quem vive no campo sabe que tudo fica mais fácil quando tem os gerentes e agrônomos das Plataformas Agro do Bradesco ao seu lado.

JOEL
Gerente Propaganda
Plataforma de Agronegócio



Sérgio Vale, economista-chefe da MB Associados

Para **Sérgio Vale**, economista-chefe da MB Associados, o equilíbrio das contas públicas permanece como uma das questões centrais para a economia brasileira. O aumento da dívida e a persistência dos déficits exigem medidas capazes de criar condições para a redução estrutural das taxas de juros, que afetam diretamente a capacidade de investimento do setor produtivo. “Se não dermos um passo atrás na questão fiscal e não fizermos esse ajuste, a taxa de juros vai subir”, avaliou.

Sérgio Vale

“Se não dermos um passo atrás na questão fiscal e não fizermos esse ajuste, a taxa de juros vai subir.”

A questão fiscal, segundo Vale, precisa ser acompanhada de uma agenda voltada ao aumento da produtividade. Nesse sentido, propôs a criação de uma estrutura técnica dedicada ao tema, com capacidade de formular diagnósticos e propostas e estabelecer uma articulação com o Legislativo para sua implementação. A produtividade, em sua avaliação, deve ser tratada como uma agenda permanente de Estado, e não como uma iniciativa pontual.

Luiz Carlos Corrêa Carvalho (Caio), presidente do Conselho Estratégico da ABAG, também colocou a produtividade no centro da discussão. Embora o Brasil apresente desempenho inferior em produtividade total dos fatores quando comparado a outras economias, o agronegócio constitui uma exceção, com índices elevados de produtividade. Para ele, essa capacidade precisa ser incorporada a uma visão mais ampla de país.

A ausência de uma estratégia nacional articulada também foi apontada por Alberto Pfeifer, Senior Policy Fellow do Insper Agro Global, como uma lacuna nas propostas apresentadas. “Falta visão do país, da sociedade como um



Luiz Carlos Corrêa Carvalho, presidente do Conselho Estratégico da ABAG

todo. O Brasil percebeu sua inserção no mundo pelo agro, pela energia e pela mineração, mas não configuramos isso dentro de uma estratégia internacional”, afirmou.

Carvalho acrescentou à discussão a necessidade de avaliar o posicionamento brasileiro diante das transformações nas relações entre Estados Unidos e China. Para ele, a expansão internacional do agro, construída principalmente a partir de produtos como soja e cana, também cria vulnerabilidades quando a produção está concentrada em determinados mercados. “A palavra vulnerabilidade é óbvia. Amanhã pode haver uma taxaço sobre a carne, depois sobre a soja. Temos uma série de produção e estamos relativamente amarrados a poucos mercados”, observou.

Luiz Carlos Corrêa Carvalho (Caio)

“A característica do Brasil é expandir o externo, mas essa dependência também representa uma vulnerabilidade.”

A diversificação comercial, nesse cenário, foi associada à necessidade de ampliar a capacidade brasileira de atuar na construção das regras internacionais. Carvalho também apontou a importância de uma articulação entre governo e setor privado, questionando a ideia de que o Estado possa responder isoladamente aos desafios de competitividade. Como exemplo, mencionou a possibilidade de construir ações conjuntas com setores de outros países, inclusive nos Estados Unidos, em torno de interesses comuns relacionados aos biocombustíveis e à transição energética.

A experiência da Embrapa foi lembrada por **Pfeifer** como um projeto de importância estratégica para a ocupação e o desenvolvimento do território brasileiro, ao incorporar ciência e tecnologia à produção de culturas adaptadas às condições nacionais.

Para o especialista, esse papel precisa ser atualizado diante de um mundo marcado pela intensificação tecnológica, pela inteligência artificial, pelas mudanças demográficas e pela crescente demanda por alimentos, energia e recursos naturais. A tropicalização da agricultura e a expansão de problemas fitossanitários para novas regiões podem ampliar a relevância internacional do conhecimento desenvolvido pelo Brasil.



Alberto Pfeifer, Senior Policy Fellow
Insper Agro Global

A discussão também incorporou a necessidade de compreender as mudanças na estratégia dos Estados Unidos e seus efeitos sobre o Brasil. Pfeifer avaliou que a política norte-americana apresenta uma linha de continuidade na busca por reafirmar sua presença internacional e conter a expansão chinesa, com atenção especial ao Hemisfério Ocidental. Nesse contexto, a segurança regional e o combate ao crime organizado transnacional ganham relevância, inclusive para o agronegócio.

Na avaliação de Vale, as condições econômicas internacionais também tornam a competitividade brasileira mais dependente da capacidade de diversificar as exportações. Ao mesmo tem-

Alberto Pfeifer

“O Brasil percebeu sua inserção no mundo pelo agro, pela energia e pela mineração, mas ainda não configurou isso dentro de uma estratégia internacional.”

po, a entrada crescente de produtos chineses, muitas vezes com forte vantagem de preço, aumenta a pressão sobre a indústria brasileira e reforça a necessidade de avanços em produtividade, infraestrutura, tributação e acordos comerciais.



Ciência no Campo. Inovar com resultado, é Bayer.



Se é Agro, é Bayer.
Se é Bayer, é bom.

FUTURE FLASH



Uma das novidades da 25ª edição do Congresso Brasileiro do Agromercado foi o Future Flash do Agro Brasileiro, espaço dedicado à apresentação de ideias, tecnologias, soluções e modelos de negócio com potencial para transformar o setor nos próximos anos. Em formato dinâmico, a iniciativa trouxe diferentes perspectivas sobre mudanças que já estão em curso e seus impactos sobre a atividade agropecuária.

A programação reuniu três apresentações: “A Nova Infraestrutura Invisível do Agro”, com **Mariana Vasconcelos**, cofundadora e CEO da Agrosmart e Young Global Leader pelo World Economic Forum; “A Verticalização Sustentável como valor para o Agro Brasileiro”, com **Flávia Garcia Cid**, produtora rural, empresária e gestora da Fazenda Jaracatiá; e “Como transformar desafios ambientais em oportunidades no Agro”, com **Victor Brian Magalhães**, CEO da TerraMares Ambiental.

A evolução da digitalização do agronegócio, iniciada com o avanço das agtechs a partir de 2010, foi o ponto de partida da apresentação de Mariana. O movimento, que já reúne mais de mil agtechs no Brasil, passou por diferentes fases, da agricultura de precisão e da coleta de dados à geração de inteligência, com machine learning, deep learning e, mais recentemente, inteligência artificial generativa.

Na experiência da Agrosmart, a agricultura de precisão inicialmente esteve voltada à geração de informações para o produtor. A evolução da tecnologia ampliou essa perspectiva para outros agentes da cadeia, incorporando variáveis de risco de mercado, climáticas e ambientais. “A inteligência deixa de ser localizada e passa a ser sistêmica, porque começamos a resolver problemas ao longo da cadeia de suprimentos”, destacou Mariana.

A inteligência artificial também amplia as possibilidades de aplicação em pesquisa e desenvolvimento, incluindo novas sementes, bioinsumos e alimentos, além de permitir a análise de contextos mais amplos e problemas de maior complexidade. Entre as transformações observadas na indústria de alimentos, foram destacadas a rastreabilidade total, a previsão automática de disrupções, o compliance automatizado, a precificação inteligente e o consumidor mais informado.

“A inteligência artificial é infraestrutura. Ela vai estar em todas as camadas do agro e das soluções”, afirmou Mariana. Nesse cenário, os dados assumem importância estratégica, tanto para os negócios quanto para a soberania nacional, constituindo diferencial competitivo e contribuindo para cadeias de



Mariana Vasconcelos, cofundadora e CEO da Agrosmart e Young Global Leader pelo World Economic Forum

suprimentos mais inteligentes. A conectividade entre o mundo físico e o digital também foi apontada como elemento central dessa transformação, assim como a privacidade e o uso estratégico dos dados.

Mariana Vasconcelos
“A inteligência artificial é infraestrutura. Ela vai estar em todas as camadas do agro e das soluções.”



Flávia Garcia Cid, produtora rural, empresária e gestora da Fazenda Jaracatiá

A partir da experiência da Fazenda Jaracatiá, Flávia evidenciou como a verticalização da produção é uma estratégia para ampliar o valor gerado pelo agronegócio e integrar as dimensões ambiental, social e econômica à atividade rural.

Entre as iniciativas está a diversificação das atividades, com o cultivo de plantas medicinais e aromáticas e a implantação de uma unidade para produção de extratos vegetais. A proposta está baseada no aproveitamento de produtos, coprodutos e biomassa gerados na propriedade para a produção de

Flávia Garcia Cid

“Sustentabilidade não é um selo. Significa excelência, inovação e rastreabilidade, atributos que são cada vez mais buscados pelo mercado externo.”

bioinsumos destinados a diferentes tipos de cultivo, incluindo grãos.

A verticalização também envolve a estruturação dos processos de produção, desde a elaboração dos projetos e a certificação orgânica até aspectos relacionados ao uso racional da água, à rastreabilidade e à gestão profissional. “Esses elementos integram uma visão de sustentabilidade que considera os resultados ambientais, sociais e econômicos da atividade. Sustentabilidade não é um selo. Significa excelência, inovação e rastreabilidade, atributos que são cada vez mais buscados pelo mercado externo”, destacou Flávia.

Na área de biotecnologia, Magalhães apresentou a trajetória da empresa, criada em 2019, e sua atuação no desenvolvimento de soluções baseadas em microalgas para aplicação na agricultura. “As microalgas são organismos que existem há milhões de anos. Existe uma biodiversidade muito grande ligada aos rios, lagos e oceanos, e nós buscamos explorar esse potencial para selecionar



Victor Brian Magalhães, CEO da TerraMares Ambiental

Victor Brian Magalhães
 “Existe uma biodiversidade muito grande ligada aos rios, lagos e oceanos, e nós buscamos explorar esse potencial para selecionar organismos que possam ser utilizados no desenvolvimento de produtos.”

organismos que possam ser utilizados no desenvolvimento de produtos”, explicou.

As microalgas apresentam potencial para o sequestro de carbono e para a geração de produtos destinados à aplicação agrícola. Entre os compostos de interesse estão os fitormônios, que podem contribuir para o desenvolvimento das plantas e para sua capacidade de resposta às condições ambientais. “São diferentes possibilidades de utilização das microalgas, incluindo inoculantes, condicionadores de solo e fertirrigação, além do emprego de algas verdes e algas azuis”, destacou Magalhães.

No cultivo de arroz, foram apresentados resultados que indicaram aumento de aproximadamente 30% no aproveitamento do nitrogênio a partir de uma solução baseada em inoculante. Também foi abordado o processo de identificação e seleção de microrganismos presentes em diferentes ecossistemas, considerando suas características e seu potencial de aplicação agrícola.



PRÊMIO NEY BITTENCOURT DE ARAÚJO PERSONALIDADE DO AGRONEGÓCIO

Homenageado: Luiz Carlos Corrêa Carvalho (Caio)



O Prêmio Ney Bittencourt de Araújo – Personalidade do Agronegócio foi entregue pela ABAG a Luiz Carlos Corrêa Carvalho, sócio-diretor da Canaplan, em reconhecimento à sua trajetória de mais de 50 anos de atuação no agronegócio brasileiro, especialmente nos setores sucroenergético, de bioenergia e de comércio agrícola.

Engenheiro Agrônomo formado pela ESALQ/USP, com especialização pela Vanderbilt University, nos Estados Unidos, Carvalho é sócio-diretor da Canaplan desde 1983, presidente da Academia Nacional de Agricultura da SNA e do Conselho Estratégico da ABAG. Ao longo de sua carreira, ocupou

posições de liderança na ABAG, UNICA e Planalsucar e participou da criação do Consecana, contribuindo para o desenvolvimento e a organização de importantes cadeias do agronegócio.

“Desde que criamos o prêmio, eu estava acostumado a entregá-lo e não esperava recebê-lo. Essa homenagem carrega uma dimensão coletiva e representa não um ponto de chegada, mas uma renovação contínua em prol do agro. O que ouvimos hoje mostra os fortes impactos das mudanças geopolíticas e a necessidade de construir o espaço brasileiro nesse novo cenário, apoiado no Mercosul e no protagonismo em energias renováveis e limpas. É inevitá-

vel reforçar a capacidade do Brasil de ofertar alimentos e biocombustíveis, recuperar solos, gerar renda no campo e ampliar o acesso ao crédito”, ressaltou Carvalho, que agradeceu à família, aos amigos e aos profissionais que o acompanharam em sua trajetória.

A homenagem foi apresentada por Roberto Rodrigues, professor emérito da FGV, que resgatou a contribuição de Carvalho para o setor sucroenergético, desde sua atuação no Planalsucar até a criação do Consecana e sua participação na construção de políticas para a agroenergia e o biodiesel. Rodrigues também lembrou sua contribuição para a criação da ABAG, em 1993, ao lado de Ney Bittencourt de Araújo. “Caio é um herói jovem. Teve uma vida ligada à agronomia e ao setor sucroenergético, participando de momentos que mudaram a história do setor”, destacou Rodrigues.



Luiz Carlos Corrêa Carvalho

“Esse reconhecimento não é um ponto de chegada, mas uma renovação contínua em prol do agro.”

O FUTURO NÃO BROTA POR ACASO.

Antes de existir a colheita, existe a decisão. A decisão de acordar cedo. De enfrentar a seca, a chuva, a incerteza e recomeçar quantas vezes for preciso.

Enquanto muitos enxergam apenas o que nasce da terra, quem cultiva a terra enxerga o que pode nascer para o mundo.

Cada safra alimenta famílias. Move o Brasil. Impulsiona a inovação. Protege um legado construído geração após geração.

Porque cultivar nunca foi apenas produzir. É acreditar no amanhã antes que ele exista. Quem cultiva a terra, cultiva o futuro do Brasil.

Você e John Deere.
Uma só força.



JOHN DEERE

PRÊMIO NORMAN BORLAUG SUSTENTABILIDADE

Homenageada: Iêda de Carvalho Mendes



A ABAG conferiu o Prêmio Norman Borlaug – Sustentabilidade 2026 à Iêda de Carvalho Mendes, pesquisadora da Embrapa Cerrados, em reconhecimento à sua trajetória dedicada à pesquisa e ao desenvolvimento de soluções para a saúde do solo. Engenheira agrônoma formada pela Universidade de Brasília (UnB), com doutorado em Soil Science pela Oregon State University, Iêda atua na Embrapa desde 1989 e participou do desenvolvimento de tecnologias que contribuem para uma agricultura mais produtiva e sustentável.

Entre os resultados de sua trajetória estão os estudos que culminaram no lançamento das estirpes SEMIA 5080 e SEMIA 5079, utilizadas até hoje em inoculantes comerciais para soja,

e o desenvolvimento da tecnologia de Bioanálise de Solo (BioAS), que permite avaliar a saúde do solo. Seu grupo também coordenou a habilitação de laboratórios que integram a Rede Embrapa BioAS e desenvolveu a Plataforma Saúde do Solo BR, lançada durante a COP30, em Belém.

“Vocês não imaginam o impacto desse reconhecimento da ABAG para os estudos de saúde do solo. Ele estimula a pesquisa, atrai jovens pesquisadores e dá visibilidade ao nosso trabalho. Um solo saudável é mais produtivo, armazena mais água, sequestra mais carbono e tem maior resiliência a estresses climáticos. Sem ele, será impossível fazer uma agricultura preparada para as mudanças climáticas”, disse

lêda. Ao receber o prêmio, também ressaltou a importância da pesquisa de longo prazo e dividiu o reconhecimento com sua equipe.

A homenagem foi apresentada por Silvia Massurhá, presidente da Embrapa, que relacionou a trajetória de lêda ao papel da ciência brasileira na construção de respostas aos desafios da agricultura, ressaltando o trabalho desenvolvido ao longo de mais de duas décadas, que amplia a compreensão sobre sustentabilidade ao mostrar que a saúde do solo está diretamente relacionada à produtividade, ao equilíbrio ambiental e à resiliência dos sistemas produtivos. “Reconhecer a trajetória da lêda é reconhecer o papel transformador da ciência brasileira, que não se limita a produzir conhecimento, mas oferece respostas concretas aos grandes desafios do nosso tempo”, afirmou.



Lêda de Carvalho Mendes
“Solo saudável é mais produtivo, armazena mais água, sequestra mais carbono e tem mais resiliência aos estresses climáticos.”



Knowledge grows

O conhecimento transforma as pessoas, e as pessoas transformam o campo.

Desde 1905, a Yara cultiva uma relação de troca e confiança com agricultores, agrônomos, pesquisadores e expoentes da indústria do alimento para juntos construirmos um futuro cada vez mais próspero e sustentável.

www.yarabrasil.com.br



CAMINHOS PARA O FUTURO

A importância do agronegócio para a economia brasileira e sua relação com a indústria, o comércio e a inserção internacional do país foram os destaques da palestra de Michel Temer. A partir de exemplos de sua experiência na Presidência da República e de sua atuação pública, ele relacionou o desempenho do setor agropecuário à atividade econômica, às exportações e à capacidade brasileira de atender à crescente demanda mundial por alimentos.

Ao recordar o início de uma colheita de algodão durante o governo de Blairo Maggi à frente do Ministério da Agricultura, Temer utilizou o episódio para ilustrar como uma atividade realizada no campo desencadeia uma cadeia de operações que envolve produção, comercialização, transporte e industrialização.

Temer mencionou que aproximadamente 48% das exportações do país estão associadas ao agronegócio e avaliou que a produção agropecuária exerce papel importante na sustentação da economia e na inserção comercial brasileira. Nesse contexto, a relação entre países passou a incorporar, de maneira crescente, uma dimensão comercial, tornando a capacidade de estabelecer relações com diferentes mercados um elemento importante para o desenvolvimento do setor.

Em sua avaliação, o Brasil possui condições para ampliar sua participação como fornecedor de alimentos e, simultaneamente, desenvolver a industrialização associada ao setor. A mecanização da agricultura, segundo ele, exemplifica essa integração, ao estimular a produção de máquinas e equipamentos e incorporar novas tecnologias ao processo produtivo.



Michel Temer

“A pacificação do país passa por uma discussão de projetos, programas e metas, e não de nomes.”

Outro aspecto da palestra foi a relação entre agricultura e meio ambiente. Temer criticou a associação automática entre posições políticas e determinadas visões sobre preservação ambiental ou atividade agropecuária e defendeu uma abordagem que permita conciliar produção e conservação. Para ele, a contraposição entre agricultura e meio ambiente resulta de uma visão simplificada e precisa ser substituída pela busca de convergência entre as diferentes dimensões.

Para ele, a discussão sobre políticas públicas deve se concentrar nos resultados e na capacidade de promover o desenvolvimento, e não na classificação ideológica dos agentes envolvidos. "Precisamos acabar com os preconceitos. O que importa é o resultado da governabilidade", afirmou Temer, ao defender uma abordagem voltada à convergência de interesses e à construção de condições para o desenvolvimento econômico e social.

A dimensão institucional também ocupou espaço na palestra. Temer recorreu à Constituição Federal como referência para a organização da sociedade e para a solução das

divergências entre os diferentes segmentos e poderes. Em sua avaliação, o respeito às regras estabelecidas e à harmonia institucional são fundamentais para a estabilidade do país. "A Constituição determina a solução pacífica de todas as controvérsias nacionais e internacionais. O povo é quem dá o poder e isso está na Constituição", afirmou.

Ao final, Temer parabenizou a iniciativa da ABAG de apresentar aos candidatos à Presidência propostas estruturadas para o futuro do agronegócio e defendeu que "a pacificação do país passa por uma discussão de projetos, programas e metas, e não de nomes."



Inteligência que nasce no campo

Seu novo parceiro para decisões confiáveis e seguras na propriedade



Aponte a câmera e comece a conversar



(61) 99844-8367

O JoIA entende **texto**, **áudio** e **fotos**

25 parcerias de mídia firmadas para o Congresso

A articulação com diferentes veículos de comunicação contribuiu para ampliar a voz do CBA e potencializar o alcance de suas mensagens-chave, projetando os debates, ideias e posicionamentos para os mais variados perfis de público em todo o país.

Apoio de Mídia



+600 matérias publicadas em sites, portais, jornais, rádios, TVs e revistas

+45 minutos de reportagens exibidas



CanalRural

<https://www.canalrural.com.br/agricultura/agro-brasileiro-e-potencia-global-mas-abag-cobra-plano-para-o-futuro/>



AGFeed

<https://agfeed.com.br/economia/congresso-da-abag-chega-aos-25-anos-em-busca-de-agenda-para-o-futuro-do-agro-e-solucoes-para-o-presente/>



Band

<https://www.band.com.br/agro/congresso-brasileiro-do-agronegocio-reune-lideracas-e-autoridades-em-sp/>



CNN Brasil

<https://www.cnnbrasil.com.br/agro/congresso-da-abag-discute-integracao-de-agro-e-industria/>

Clique aqui e confira todos os momentos do CBA 2026 transmitido pelo YouTube da Abag



**ANAIIS DO
25º CONGRESSO
BRASILEIRO DO
AGRONEGÓCIO
ABAG E B3**

Supervisão

Gislaine Balbinot

Coordenação

Paulo Zappa

Produção de Conteúdo

Sylvia Mie
Mecânica de Comunicação

Apoio

Giuliano Alves
Emilia Dualibi
Roberto Araújo
Mariana Araújo
Luciana Soderó
Gabriel Lima

Fotos

Gerardo Lazzari e RicaLucas

Design e Produção Gráfica

MW2 Design

Assessoria de Imprensa

Mecânica de Comunicação

Organização e Produção

Wenter Eventos

www.congressoabag.com.br

www.abag.com.br

www.b3.com.br



**AGRO & INDÚSTRIA
INTEGRANDO E
TRANSFORMANDO O BRASIL**

Com o tema **AGRO & INDÚSTRIA INTEGRANDO E TRANSFORMANDO O BRASIL**, o Congresso mostrou como o protagonismo do agro é fundamental ao país e às expectativas globais de segurança alimentar e sustentabilidade.

Agradecemos às parcerias e ao apoio dos patrocinadores, fundamentais para o sucesso do evento.

Estaremos juntos novamente no **26º Congresso Brasileiro do Agronegócio**, no dia **09 de agosto de 2027**, no Sheraton São Paulo Hotel.

Realização



Patrocinador Master

agrocereS



Patrocinador Ouro



Patrocinador Prata



Apoio

